

Vimos denunciando, há muitos anos, o processo de "marxização" da escola brasileira que, iniciado nas universidades, desceu ao segundo grau, passou às últimas séries do primeiro grau, envolveu-o a seguir inteiramente e atingiu a própria pré-escola. Trata-se, realmente, em nome de uma "crítica social" sem consistência intelectual maior, de "fazer a cabeça" da juventude, desde a infância, a fim de instrumentalizá-la de forma integral, a ponto de ocultar-lhe quaisquer pontos de referência exteriores ao catecismo propagado, de modo que ela não tenha sequer parâmetros para julgar a *lavagem cerebral* a que vai sendo submetida. Esse processo de imbecilização do estudante, para que ele possa converter-se num verdadeiro *robot* comandado pelos ideólogos da chamada "esquerda" (nas suas diversas variantes) — por sua vez treinados para desempenhar um papel político, sem maior embasamento intelectual e amplitude cultural, que seriam naturalmente contraproducentes para o seu trabalho catequético —, encontra mais uma de suas expressões nos programas para o ensino de História que vêm sendo veiculados nas escolas públicas de 1º e 2º Grau de Minas Gerais.

Num dos textos elaborados dentro do conhecido jargão totalitário (Programa de Ensino de Formação Social e Política — *Ciclo Básico de Alfabetização* — 3ª e 4ª séries do 1º Grau), patrocinado pela Superintendência Educacional da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986, que nos chegou às mãos, escreve-se, por exemplo, que "o conteúdo proposto para as quatro séries iniciais do 1º grau se articula em torno de um eixo central, pensado como sustentáculo do trabalho a ser realizado em todas as séries. Esse eixo é constituído por um conjunto de idéias, princípios e conceitos considerados essenciais

para se atingir um dos principais objetivos da escola, ou seja, *instrumentalizar o aluno* para a análise da realidade, a *descoberta das contradições*, dos problemas, das soluções possíveis, buscando desenvolver essa prática dentro da situação concreta dos alunos e da escola. A preocupação central consiste em garantir a unidade entre o objetivo, o conteúdo, o método. Por conseguinte, o *professor precisa conhecer a proposta em sua totalidade*" (grifos nossos, com exceção do último). Isto é, trata-se de *engajar* os participantes num programa que visa a "enquadrar" completamente os alunos na "proposta", de forma a ensiná-los a ver, devidamente instrumentalizados, toda a realidade sob o prisma ideológico que a escola deverá inculcar-lhes.

Uma das orientações metodológicas a seguir, segundo o mesmo documento, é a de "explorar o papel da educação e do trabalho na luta pela conquista de melhores condições de vida. Também aqui não se pode esquecer dos conceitos de grupo, movimento, contradição, conflito, mudança, transformação, que permitem a análise da realidade e de seu dinamismo, bem como a identificação do movimento social e de seus problemas. É fundamental trabalhar com a criança, em todas as séries, a interdependência (sic) entre a atividade econômica, as relações de trabalho e a condição de vida do homem. Nesse sentido o trabalho se destaca como categoria de análise essencial, possibilitando a compreensão de fatores determinantes das formas de existência do homem. O trabalho tem de ser explorado dentro do contexto da criança (...). Dessa forma começamos por repensar essa sociedade individualista, competitiva, que tem sufocado as possibilidades da verdadeira valorização do trabalho em função da melhoria das condições de vida do homem e do bem-estar coletivo. Tudo isso desafia o homem a assumir o

seu papel de SUJEITO, de cidadão comprometido com a luta pela transformação dessa realidade".

Deixando de lado esse sujeito que, apesar das maiúsculas (ou por isso mesmo) é um mero "coletivo", já que o *indivíduo* parece assustar os ideólogos, pois que ele pode ser capaz de pensar por sua própria conta e de dizer *não* às fórmulas, aos dogmas e aos *slogans*; deixando de lado o linguajar do marxismo de divulgação, com algumas pitadas de neomarxismo (Gramsci, Althusser *et alii*), também de divulgação, é espantoso pensar que esse é o programa que se quer desenvolver para moldar a mente infantil num país que se quer democrático e pluralista! Que pluralismo pode existir numa escola que é integralmente pensada para *instrumentalizar* os seus alunos em função de um objetivo político, sem que se cuide seriamente daquele conhecimento mínimo necessário para que a criança, no futuro, possa encontrar por si mesma os seus próprios caminhos? E é curioso que o documento, a todo instante, fale em "respeito recíproco", é verdade que sempre em função de "uma ação coletiva" que, obviamente, não será definida por crianças que não têm condições de fazê-lo e que precisariam, na escola, começar por aprender — e aprender direito — a ler, a escrever e a realizar as quatro operações (o que as quatro primeiras séries do 1º Grau, até hoje, não conseguiram fazer direito). Essa "ação coletiva", que visa a transformar a realidade, substituindo a "sociedade individualista e competitiva" (isto é, a sociedade democrático-capitalista-ocidental) por uma sociedade socialista, como se trata de mostrar sem disfarces o Programa de Ensino de História (5ª a 8ª série do 1º Grau, sob a responsabilidade da mesma citada superintendência), essa ação, evidentemente, será articulada pelos mentores ideológicos de alunos e professores, que, para

isso, utilizarão tranquilamente as crianças que as famílias enviam à escola para instruir-se!

O programa de História proposto para as quatro últimas séries do 1º Grau (e do 2º Grau obedece à mesma "metodologia") reproduz, sem maior pudor, o velho e surrado esquema marxista, das fases escravista, feudal, capitalista — com o imperialismo, sua "etapa final", nos moldes leninistas, a explicar a "posição dependente" do Brasil — e socialista, precedidas de algumas considerações gerais que, pela bibliografia, não podem ir além das envelhecidas e sectárias concepções de Marx e Engels. Essa bibliografia, aliás, organizada sem nenhum critério científico, misturando obras de divulgação com as dos "fundadores do socialismo", se caracteriza apenas pela "unidade ideológica", com algumas raríssimas exceções que, obviamente, ou são para "inglês ver" ou foram aí colocadas por descuido.

Quem quer que examine, ainda que sumariamente, tais textos produzidos por "professores de História", sob o patrocínio oficial da Superintendência Educacional da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, perceberá que há, em matéria de utilização da escola como instrumento catequético, fechado e monolítico, a serviço do modo de vida que China e URSS (como Cuba e a Nicarágua, aliás privilegiada no programa) já mostraram o que vale, encontrará ainda muitas outras "preciosidades", de que um único editorial não pode dar conta.

Que fique aqui, entretanto, mais esse nosso alerta a respeito do incessante trabalho de minorias que, pouco capazes de pensar, estão integralmente comprometidas na ação para impedir a construção de uma sociedade livre e pluralista, na qual elas dificilmente conseguiriam, pelo seu despreparo real, desempenhar qualquer papel relevante.